

**Trajetórias históricas do Diretório
Acadêmico da UEMG/Ubá: espaço/
lugar de reflexões/ações políticas**

Custódio Jovêncio Barbosa Filho

Ian Moreira

Matheus Cancela

Introdução

Vale destacar que o Diretório Acadêmico, popularmente conhecido como DA, é uma entidade criada para representar os estudantes de cursos de nível superior dentro de uma Universidade com diversas funções, como organização de atividades acadêmicas extracurriculares, debates, discussões, palestras, semanas temáticas, recepção de calouros e realização de projetos de extensão; encaminhamento, mobilização e organização de reivindicações e ações políticas dos estudantes; mediação de negociações e conflitos individuais e coletivos entre estudantes e a faculdade; realização de atividades culturais como feiras de livros, festivais diversos, entre outros.

Diante dos diferentes papéis que o DA exerce, destacam-se os que estão ligados às perspectivas de ideologias

proletárias vinculadas ao pensamento e reflexões advindos do marxismo e do socialismo, que abranjem a coletividade e a aproximação dos sujeitos sociais com a pretensão de obter um espaço/lugar que dialogue com suas realidades e melhore os ambientes de formação no sentido ampliado. Essas perspectivas são destacadas por Marx e Engels (2011) no Manifesto do Partido Comunista ao convocar o proletariado a pensar suas relações com a realidade apresentada no conjunto das condições expostas entre capital e trabalho.

Ainda salientando sobre a analogia entre as funções que o Diretório Acadêmico realiza e as correntes ideológicas marxistas e socialistas, sabe-se que os projetos e atividades trazem aos estudantes visões mais ampliadas da importância de produzir conhecimentos sobre as questões sociais e a possibilidade de participar dos espaços/lugares políticos que, em certa medida, estão sob a tutela de uma minoria de pessoas e grupos decidindo os caminhos de toda uma sociedade. Dessa forma, Frigotto (2003, p. 26) analisa que,

Na perspectiva das classes dominantes, historicamente, a educação dos diferentes grupos sociais de trabalhadores deve dar-se a fim de habilitá-los técnica, social e ideologicamente para o trabalho. Trata-se de subordinar a função social da educação de forma controlada para responder às demandas do capital.

A formação inicial dos estudantes na graduação se completa com a longa jornada de palestras, atividades

acadêmicas, atividades culturais e projetos de extensão, que é o espaço/lugar do DA, de suma importância para a construção do conhecimento político/social, proporcionado, em especial, nas universidades públicas brasileiras.

O Diretório Acadêmico da UEMG Unidade Ubá vem surpreendendo tanto os estudantes quanto os profissionais que atuam nesta unidade, pois, desde sua implementação, as atividades, o comprometimento entre os membros ativos e a possibilidade de acesso à informação, junto de práticas viáveis, como o uso da copiadora, têm sido de grande contribuição aos demais sujeitos.

Atividades livres, como as calouradas e festas juninas, trazem uma melhor relação interpessoal entre os grupos que estão ali inseridos, destacando a diversidade étnico-cultural e de gênero, com conversas e discussões sobre a ilusão da vida ligada aos aspectos da relação material, em que exclui/inclui todos de forma global na lógica do sistema capitalista. Assim situa Thompson (1981, p. 111), ao destacar que

Estamos falando de homens e mulheres, em sua vida material, em suas relações determinadas, em sua experiência dessas relações, e em sua autoconsciência dessa experiência. Por relações determinadas indicamos relações estruturadas em termos de classe, dentro de formações sociais particulares.

Sob esta perspectiva, pode-se inferir que o papel dos DAs nas universidades pode elevar o nível das relações que os/

as estudantes, no processo de formação inicial, venham a adquirir como sujeitos históricos, que interagem com suas realidades buscando melhores condições de formação, e se amplie para além de apenas atender as demandas do mercado de trabalho, mas que compreendam as diversas dimensões que compõem a vida humana. Sendo assim, este estudo buscou analisar a atuação do Diretório Acadêmico como espaço/lugar de reflexões/ações políticas e sociais no processo de formação inicial de estudantes de graduação na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Unidade Ubá. Para tal, utilizou-se da metodologia de relato de experiências com coleta de dados por meio do questionário semiestruturado e revisão bibliográfica dos textos produzidos por Marx (2011, 2013); Engels (2011, 2015, 2013); Thompson (1981, 2012); Lukács (1974, 2013), entre outros autores que dialogam com a perspectiva progressista, revolucionária e marxista.

Aspectos teóricos e práticos no processo de formação de Diretório Acadêmico: a experiência da UEMG Ubá

A UEMG possui um percurso ainda muito recente na história de formação da população mineira. Criada pelo art. 81 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Mineira de 1989, somente se tornou uma autarquia em julho de 1994 pela Lei nº. 11.539, que estabeleceu uma estrutura para a Universidade com órgãos colegiados e os *campi* denominados unidades. Com a Lei

Delegada nº. 91, de janeiro de 2003, ficou definida a estrutura orgânica básica, e o Decreto nº. 43.579, de setembro, estabeleceu as competências das unidades administrativas da Universidade.¹

A unidade da UEMG Ubá iniciou suas atividades por meio dos estudos em parceria com a prefeitura daquela cidade, município que se caracteriza por ser um grande centro moveleiro do país. Em 2006, a partir de uma parceria entre a UEMG, a Fundação Iralda Ribeiro (FUNIR), a Prefeitura de Ubá e o Governo do Estado, a UEMG Unidade Ubá passa a ofertar o Curso de Design de Produtos. Sequencialmente, em 2007, o Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e, em 2008, o de Licenciatura em Química.

Em meio a esta história de luta e resistência para que a UEMG pudesse ser implementada, tanto na unidade central quanto nas unidades regionais, nasceram os Diretórios Acadêmicos (DAs), que se destacam por serem espaços em que os estudantes possam se expressar e se auto-organizar para reivindicar os direitos garantidos em lei perante aos órgãos universitários e estatais.

Na unidade da UEMG em Ubá, o Diretório Acadêmico teve sua implementação por meio de discussões entre os próprios estudantes, que buscavam um espaço/lugar em que pudessem de forma sistematizada dialogar com a gestão da unidade e com os demais profissionais e colegas

1 Pode-se acessar mais detalhes da história sobre a criação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) no site: <<http://www.uemg.br/apresentacao.php>>.

que compunham a comunidade acadêmica. Havia ainda um tensionamento para que todos os estudantes pudessem ter condições de igualdade para reivindicar melhorias nos espaços da universidade.

Com isso, para que haja um movimento de reivindicação coletiva, entendemos ser necessária a compreensão dos sujeitos históricos de forma consciente, em que suas ações possam buscar o atendimento da melhoria das condições de vida. Para Lukács (1974, p. 30), “[...] o movimento da própria sociedade humana pode ser enfim percebido com suas leis internas, ao mesmo tempo como produto dos próprios homens e como produto das forças que surgiram das suas relações e escaparam ao seu controle[...]”.

Os primeiros Diretórios Acadêmicos da UEMG Unidade Ubá tiveram muitos desafios, limites e contradições, entre eles a dificuldade de atender as reivindicações mais coletivizadas dos estudantes no sentido mais ampliado. Sendo assim, o movimento de eleições fez-se necessário para que a representação pudesse ser mais próxima das necessidades dos estudantes. Diante de um movimento histórico de reivindicação coletiva por parte dos estudantes, as eleições para a direção do Diretório Acadêmico da UEMG – Unidade Ubá passaram a ser mais complexas, levando em consideração o processo de representação. Isso, em certa medida, aponta para o desenvolvimento do amadurecimento político reivindicatório, que demonstra maior nível de consciência coletiva diante das possibilidades políticas de representação.

Sobre esta perspectiva compreende-se que no processo histórico das relações entre os sujeitos históricos passam a ocorrer mudanças políticas no âmbito prático e conceitual, em que “[...] a mudança na história não se produz simplesmente na superfície, mas no conceito. É o próprio conceito que é corrigido” (LUKÁCS, 1974, p. 34). Nas interpretações feitas, a partir dos dados coletados nos relatos de experiências – questionários, este estudo demonstra a potencialidade que o conhecimento sobre a realidade pode provocar desencadeando mudanças no cenário político.

No período de desenvolvimento deste estudo, estavam vivenciando um novo processo eleitoral, e a atual gestão, que recebe o nome de “Unicamente”, havia sido eleita com a aprovação de 97% dos votos dos/as estudantes que votaram na UEMG Unidade Ubá. De acordo com o relator dos representantes: “Como todo começo de uma experiência nova, tudo era complicado. A empolgação era muita, mas o 'como fazer?' era maior” (Fala da coordenação).

Este relato demonstra as condições de pertença das questões postas, pois, além de estar no interior da gestão de um Diretório Acadêmico, este sujeito era também estudante e conhecia os desafios postos para que a chapa realmente representasse a maioria dos estudantes que depositaram sua confiança nas posturas ética e política dos eleitos.

Conhecer a realidade e se colocar em movimento para pensar sobre ela e buscar a superação dos problemas exige, segundo Marx (2014), a tomada de sensibilidade quanto ao objeto e a realidade como atividade humana

sensível. Para Lukács (1974, p.), esta relação “implica que o homem tome consciência de si próprio como ser social, como simultaneamente sujeito e objeto do devir histórico e social.”

De acordo com as lideranças do DA, a ideia seria uma chapa que unificasse os três cursos existentes na UEMG Unidade Ubá (Licenciatura em Ciências Biológicas, Química e Bacharel em Design), para que houvesse mais força de reivindicação dos direitos enquanto estudantes de uma universidade pública estadual, e unir-se em torno das reformulações no estatuto que tinha como foco de discussão a exigência de uma diretoria colegiada, passando obrigatoriamente a ser composta por um coordenador de cada curso.

As ações advindas da nova gestão passaram a considerar que todo o movimento político e social deverá observar as demandas emanadas pelos três cursos de igual importância, pondo o fim às tendências unilaterais de atendimento a grupos menores que possuíam mais inserções aos debates políticos no interior da UEMG Unidade Ubá. Além disso, passaram a representar os estudantes nas reuniões de Colegiado dos Cursos, nas Câmaras Departamentais, entre outros espaços/lugares consultivo e deliberativo.

Posto para nós o desafio prático e empírico sobre o processo de consciência política dos estudantes da UEMG Unidade Ubá, passamos a nos aproximar ainda mais das discussões teóricas em torno desta temática. Goldmann (1967, p. 197) destaca que há uma:

[...] longa discussão em torno dos problemas do papel ativo da consciência, ou ao contrário, de seu caráter de simples reflexo. Cada uma das teses corresponde parcialmente às teses de Marx. O pensamento de Marx parece ser o seguinte: o indivíduo assim como os grupos humanos, constituem totalidades que não podem ser seccionadas para deles se fazer realidades autônomas. Não há pensamento independente do comportamento ou da afetividade, nem comportamento independente da consciência etc [...] Em última instância, o pensamento, a afetividade e o comportamento de um indivíduo constituem uma unidade coerente e significativa. Mas é necessário acrescentar que quando se trata de indivíduos essa unidade estrutural passa por grande número de mediações cujo sujeito não é, ou o é muito pouco, consciente e, por isso, dificilmente revelável, enquanto que é incontestavelmente mais fácil evidenciar a coerência que rege o comportamento, a afetividade ou a consciência de um grupo social dentro do qual as inúmeras parcelas individuais se anulam mutuamente.

Essas reflexões propostas por Goldmann, com base nos escritos de Marx, nos aproximam dos princípios expostos no estatuto do Diretório Acadêmico que explicita aspectos da formação acadêmica ampliada, debatido nos espaços/lugares de reflexões e ações políticas na UEMG Unidade Ubá.

Estratégias de atuação do Diretório

Acadêmico: espaços/lugares de

reflexões e ações políticas

Como qualquer modelo de associação, o DA tem origem na movimentação conjunta de sujeitos históricos e sociais que, ao menos em princípio, declarem a existência de interesses comuns (BARNARD *apud* BASTOS *et al.*, 2004; BASTOS; PEIXOTO, 2015), os quais dependem, em sua execução, do comprometimento e da harmonia de todos os membros. Como o DA de fato não possui fins lucrativos, conta, em alguma medida, com força de trabalho voluntário, utiliza fortemente discursos ideológicos como forma de adesão de seus membros e estrutura-se como associação civil; com isso, a participação dos membros sempre vem de maneira espontânea ligada à busca de melhorias na Universidade e na vida dos estudantes, sendo uma grande estratégia de atuação.

A elaboração dessa estratégia é aleatória, pois o grupo se reúne e abertamente se prontifica a dividir as funções, passando em conjunto pelos desafios que podem ocorrer durante o tempo de atuação. Sobre a liderança entre acadêmicos, Bento e Ribeiro dizem que “[...] um dos fundamentos filosóficos da criação do sistema formal de educação superior é a preparação de líderes para o serviço à comunidade” (BENTO; RIBEIRO, 2009, p. 3), isto é, o Diretório Acadêmico também conta com um líder, no caso do DA da UEMG Unidade Ubá, uma liderança colegiada, que ajuda na motivação e desempenho dos demais

participantes, pois há, muitas vezes, situações que os membros podem não saber arcar com as consequências ou mesmo as mudanças que o ambiente exige.

Exercer os papéis que o DA traz tem, também, como uma importante estratégia, a habilidade e a experiência que os sujeitos buscam enfatizar, pois há contatos com as dimensões econômica, política e social, ou seja, o amadurecimento em questões importantes para obter um bom ambiente de trabalho e estudo fortalece as relações interpessoais e a convivência na sociedade. Essa estratégia também é espontânea, pois conseqüentemente a pessoa envolvida com a autogestão no DA está ligada intimamente com as questões que ela aborda.

O Diretório Acadêmico como espaço/lugar de formação dos estudantes de graduação

Diante do exposto, já poderíamos inferir o quanto um Diretório Acadêmico interfere no processo de formação inicial dos estudantes de graduação nas universidades, em especial as universidades públicas, que tendem a intensificar aspectos do processo democrático de reflexões e ações sobre as deliberações políticas de interesse da comunidade acadêmica. Neste sentido, nos aproximamos da dinâmica destacada por Marx (2009, *apud* BARBOSA FILHO, 2017, p. 39), ao situar que “é possível efetuar a libertação real no mundo real e através de meios reais”, o que, de certa forma, aproxima da metodologia do real, em que o materialismo histórico e dialético se situa, tanto sobre as relações com as

experiências, quanto pelas condições de compreender as contradições das ações humanas no processo de elevação dos patamares de consciência.

Ao refletir sobre o que propõe Marx na libertação real, podemos inferir que, de acordo com o patamar de consciência dos sujeitos envolvidos ativamente no Diretório Acadêmico, a aproximação das possibilidades de mudanças por meio das reflexões e ações políticas traz elementos de uma dinâmica formativa que não há condições reais de mensuração.

Os sujeitos históricos passam a ocupar espaços/lugares que outrora não possuíam significado no interior das universidades e, com isso, o ganho formativo passa a ser de magnitude ampliada, pois o reconhecimento desses espaços enquanto lugares de lutas e resistências elevará também suas condições de reconhecimento de que as relações políticas ocorrem em todos os momentos da vida humana.

As contribuições de Marx (p. 65) sobre essa discussão se ampliam quando destaca que a libertação é um ato histórico e não um ato de pensamento, e é efetivada por condições históricas, pela situação da indústria, do comércio, da agricultura [...], quesitos necessários para a manutenção da existência humana. Sendo assim, compreende-se que a libertação somente poderá ser conquistada, nos movimentos desencadeados pelos sujeitos históricos, ao reconhecer seu papel na dinâmica das reflexões e ações proporcionadas

pelo processo formativo que tem sido enfatizado nos espaços em que atuam.

Isto porque, segundo Goldman (1967, p. 5), “o humanismo atravessa hoje uma crise que ameaça sua própria existência e exige uma rigorosa tomada de consciência.” Essa consciência é que tem nos atravessado para pensar as relações produzidas, em especial, no processo de formação política e social de sujeitos históricos, e o DA, com seu formato organizativo, tem proporcionado a estes sujeitos condições de ampliação formativa que irão projetar por toda a vida nos diversos espaços e tempos de atuação em sociedade.

O reflexo desse processo tem muito a ver com a reformulação proposta no Estatuto Social do Diretório Acadêmico da UEMG Ubá (2018), que tem, dentre os seus fins, de acordo com o Capítulo II, art. 3º:

I – Congregar, organizar e representar o conjunto dos estudantes de todos os cursos de graduação da unidade de Ubá - MG da Universidade do Estado de Minas Gerais, cuidando de seus interesses individuais e coletivos no que se refira às suas questões acadêmicas e disciplinares sem qualquer distinção de raça, cor, religião, nacionalidade, sexo, gênero, orientação sexual, idade, convicção política ou social; II. Contribuir para o aperfeiçoamento do ensino universitário, pesquisa e extensão, assim como para o desenvolvimento cultural e político dos e das estudantes da UEMG; III. Lutar por uma Universidade autônoma, pública,

gratuita, democrática e participativa que cumpra suas funções acadêmicas e político- sociais; IV. Lutar pela estruturação do movimento estudantil em todos os seus níveis de atuação; V. Defender a construção de uma sociedade livre e democrática, que assegure o bem-estar social e político do povo brasileiro; VI. Promover o desenvolvimento de ações educacionais e institucionais em parceria com órgãos públicos e/ou entidades não governamentais; VII. Representar o conjunto de seus associados, podendo inclusive ajuizar ações judiciais de caráter coletivo, visando a defesa dos interesses do corpo discente da unidade Ubá-MG da Universidade do Estado de Minas Gerais; VII – realizar a representação discente nos órgãos colegiados dos cursos da Unidade de Ubá –MG.

Outro importante elemento de destaque no processo de reformulação do Estatuto coube à forma de gestão proposta pelos seus membros, definida por meio de uma gestão colegiada em que cada curso teria um coordenador como diretor e a força maior de deliberações ficaria a cargo da Assembleia Geral. Esta forma organizativa traz consigo a força atividade de um processo de formação política e social para além das aulas que estes sujeitos sociais e históricos assistem nos seus cursos de origem, fortalecendo assim um princípio de formação política proporcionado pelos espaços organizativos do Diretório Acadêmico.

A forma de associação do Diretório fortalece a capacidade de discussões e reflexões acerca das possibilidades de representação dos estudantes de todos os cursos existentes

na UEMG Unidade Ubá, fazendo deste órgão um dos mais importantes espaços/lugares para que os estudantes se congreguem em torno da vontade coletiva. Como disseram Marx e Engels (2011), no manifesto do partido comunista, “operários de todo o mundo, uni-vos”; diremos, pois, estudantes de todas as universidades, uni-vos.

Relações entre os relatos de experiências dos estudantes com os pensamentos progressistas

As experiências formativas dos estudantes, vivenciadas a partir das participações como membros do Diretório Acadêmico da UEMG Unidade Ubá, vêm fortalecendo o movimento em busca de melhorias para todos estudantes da Universidade. Este espaço/lugar tem oportunizado, tanto presencialmente, como por meios virtuais, acesso a eventos com programações culturais e sociais, como teatros e discussões, que abrangem diferentes temas educativos direcionados ao público.

Ao nos aproximarmos dos dados sobre os relatos de experiências dos membros do Diretório por meio do questionário aplicado, temos que, dos 12 participantes ativos, oito fizeram um registro de suas participações, demonstrando o quanto este espaço/lugar tem proporcionado condições reais de formação ampliada. Ao ser questionada sobre a influência da participação no DA na formação política e humana, uma das componentes situou que “[...]”

desde que entrei no DA tenho desenvolvido melhor minha mentalidade política, e principalmente humana, [...]” (Design, 25, 2018).

Para um membro do Curso de Ciências Biológicas, participar do diretório “[...] permitiu um maior amadurecimento político e humano. No período de um ano modificamos toda a estrutura gestora da unidade, permitindo que tivéssemos uma maior autonomia e força para lutar [...]” (Biologia, 27, 2018). Sobre a mesma questão, outro membro destacou que “[...] o DA é um meio de formação, pois, com ele, é possível abrir discussões que em outros meios não seria, possível, tais como no ambiente familiar ou no trabalho” (Design, 32, 2018).

Vale destacar ainda sobre a resposta de outro membro que “[...] com certeza entrei com uma cabeça e estou saindo com outra, completamente diferente, em relação à política no país e a temas como: racismo, homofobia e cultura.” (Biologia, 25, 2018). A análise sobre essas falas corrobora com as discussões e debates que fizemos no interior deste estudo ao compreender a força atividade que o DA possui sobre a dimensão formativa na perspectiva da política e da formação humana ampliada.

Ao solicitar que considerem se as atividades propostas pelo DA têm melhorado o acesso a informações e formações políticas e sociais dos estudantes, eles destacam que “[...] a ocorrência de eventos ajuda muito aos estudantes, mesmo aqueles que não têm contato a determinadas informações e temas a partir desses eventos, se localizaram durante das

situações, conheceram e passaram a ter opiniões diante dos assuntos” (Biologia, 25, 2018). Outro membro se coloca da seguinte forma sobre esta questão: “[...] em relação às minorias e a importância do papel dos estudantes na formação da Universidade de modo geral, mas ainda há muito a ser feito” (Design, 32, 2018). Ainda, destacam que os estudantes passam a ter mais informações “[...] sobre seus direitos, sua consciência como cidadão, do seu modo de pensar, sobre os deveres e se conscientizar com base nos debates políticos.”

Esses relatos demonstram que, ao fazer parte da formação mais ampliada, os sujeitos serão municiados a terem condições de serem autores e atores de suas histórias de vida e das histórias de vida dos que transitam à sua volta, podendo interferir no processo de melhoria sobre a representação mais consciente dos estudantes diante dos órgãos institucionais. Esse processo contribuirá de maneira efetiva nas mudanças das condições sócio-histórico culturais, em que a autonomia e emancipação são explicitadas como o foco norteador destas ações. Isto porque, segundo Marx,

Os homens fazem sua própria história, mas, não a fazem segundo sua livre vontade, em circunstâncias escolhidas por eles próprios, mas nas circunstâncias imediatamente encontradas, dadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas pesa sobre o cérebro dos vivos como um pesadelo. E mesmo quando estes parecem ocupados a revolucionar-se, a si e às coisas, mesmo a criar algo ainda não

existente, é precisamente nessas épocas de crise revolucionária que esconjuram ter isoladamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomam emprestados os seus nomes, as suas palavras de ordem de combate, a sua roupagem, para, com esse disfarce de velhice venerável e essa linguagem emprestada, representar a nova cena da história universal (MARX, 2015, p. 209-210).

A abordagem marxiana sobre o processo histórico das sociedades humanas nos conduz a refletir que todo o movimento feito em prol de uma postura mais coletivizada, desenvolvida pelos sujeitos históricos e sociais, proporciona um percurso formativo de ampliação e emancipação política e humana, pois, para Marx e Engels (2011, p. 111), “a história não faz nada, ‘não possui nenhuma riqueza imensa’, ‘não luta nenhum tipo de luta!’ Quem faz tudo isso, quem possui e luta é, muito antes, o homem, o homem real, que vive [...]”. Kosik (1995, p. 13) complementa esse entendimento ao enxergar a antologia da ação humana como “[...] um sujeito histórico que exerce sua atividade prática no trato com a natureza e com os outros homens, tendo em vista a consecução dos próprios fins e interesses, dentro de um determinado conjunto de relações sociais”.

Considerações finais

Os dados empíricos dos relatos de experiências dos estudantes membros ativos do Diretório Acadêmico da Universidade do Estado de Minas Gerais Unidade Ubá, assim como as relações de aproximação entre o

pensamento marxista, nos demonstraram o quanto este espaço/lugar tem proporcionado reflexões e ações políticas a partir de um novo patamar de consciência e do reconhecimento de que são sujeitos históricos, bem como a possibilidade de mudança de suas realidades com base no materialismo histórico e dialético explicitado nas literaturas marxistas.

Percorreremos neste estudo o reconhecimento de que as experiências de participação nos espaços/lugares do diretório acadêmico têm proporcionado um movimento ampliado de formação, para além de apenas cumprir as demandas advindas dos estudantes da UEMG Unidade Ubá, e a representação dos mesmos nos espaços/lugares consultivos e deliberativos dos órgãos existentes na universidade.

Percebemos que a participação ativa no DA tem feito com que seus membros ativos passem a refletir e agir sobre as mais variadas possibilidades de atuação enquanto sujeitos históricos que, ao reconhecerem seu papel de forma consciente, tomam atitudes de atendimento das necessidades coletivas para a melhoria das condições de vida acadêmica de todos estudantes da UEMG Unidade Ubá.

Proporcionado por um novo patamar de consciência em que cada um aja de acordo com as possibilidades de atender as demandas coletivas, o DA se mostra na atual conjuntura de formação política como um espaço/lugar que melhor representa, de forma orgânica, pela autogestão desenvolvida pelos membros ativos, um processo de ampliação de formação política e humana.

Referências

- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. RJ: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para liberdade: e outros escritos**. 5ª ed. RJ: Paz e Terra, 1981.
- FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Educação e crise do trabalho: perspectiva de final de século**. 6 ed. Petrópolis (RJ): Editora, Vozes, 2003.
- GOLDMANN, Lucien. **Dialética e Cultura**. ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1991.
- GOLDMANN, Lucien. **Origem da dialética: a comunidade humana e o universo em Kant**. Tradução Haroldo Santiago. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe: estudos de dialética marxista**. Porto: Publicações Escorpião, 1974.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. Tradução Álvaro Pina e Ivana Jinkings. 1ª ed. Revisada. São Paulo: Boitempo, 2010.
- PLEKHÂNOV, Guiorgui. **A concepção materialista da história: da filosofia da história, da concepção materialista da história, o papel do indivíduo na história**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- PISTRAK, M. M. **Fundamentos da escola do Trabalho**. Tradução de Daniel Aarão Filho. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2000.
- PISTRAK, M. M. **Ensaios sobre a escola politécnica**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

THOMPSON, Edward Palmer. **Miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**: a árvore da liberdade. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**: a maldição de Adão. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012a.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**: a força dos trabalhadores. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012b.